

OLHAR O SER, VER O ACONTECER: SOCIALIZAÇÃO E COMUNIDADE

Alessandra Leal
Mestranda em Geografia pela
Universidade Federal de Uberlândia
ale.leal@yahoo.com.br

RESUMO

Este trabalho é resultado de reflexões sobre o processo de socialização das crianças em comunidades tradicionais. Como o saber tradicional é passado de geração para geração? Como os símbolos e modernidades se atualizam nessas gerações. Como o tradicional re-existe no moderno? São questões que nortearam o a leitura de textos a partir de categorias como: comunidade, sociedade, socialização e criança, que se desenrolaram neste texto. A comunidade camponesa ou rural sempre será tradicional na medida, em que resistir às transformações aceleradas da cidade, na medida em que se adequar aos elementos urbanos mantendo características, fazeres e agires de gerações anteriores. Ela segue um tempo lento e compassado unicamente com sua lógica. A comunidade se transforma sim, mas, respeitando e resguardando valores ligados a terra, às águas, às árvores e ao próprio tempo do tempo. São esses laços e valores que permitem a re-produção e tradição da comunidade, enquanto comum-idade e do modo de vida.

LOOK THE BEING, SEE THE HAPPENING: SOCIALIZATION AND COMMUNITY

ABSTRACT

This work is a result of reflections about the socialization process of the children in the traditional communities. How is the traditional knowledge passed through generation to generation? How are the symbols and modernity bring up to date in these generations? How does the traditional reborn the modern? These are questions that had guided the reading of texts from categories as: community, society, socialization and child, which had been uncurled in this text. The peasant community or agricultural always will be the traditional while it will be able to resist the accelerated transformations of the city, in the measure of the adequacy to the urban elements, keeping the characteristics, doings and acts from the back generations. It follows a slow and trimmed time with its uniquely logic. The community does transforms itself, but, respecting and protecting values linked to the land, the water, the trees and the own time of the time. These are the bows that allow the reproduction and tradition of the community, while a common-unit, and its way of life.

KEY-WORDS: socialization, child, community, society.

INTRODUÇÃO

A criança até a Idade Média, por quase todo o Ocidente, era tida como um adulto em miniatura. Assim, o tratamento dela não se diferia do tratamento dos adultos. Isso em parte pelo desconhecimento do papel social da mesma e em parte pela grande mortalidade pueril. Era comum a morte entre os pequenos. Motivo que levava pais e familiares a não se apegarem aos filhos. As famílias eram numerosas, para que no eventual falecimento de um, outro assumisse. Esse contexto é alterado quando a medicina se desenvolve diminuindo a mortalidade infantil.

Assim, a criança passa a ser querida, já que não mais é necessária a 'substituição de filhos'.

A família então, começou a se organizar em torno da criança e a lhe dar uma tal importância, que a criança saiu do anonimato, que se tornou impossível perdê-la ou substituí-la sem uma enorme dor (...) que se tornou necessário limitar seu número para melhor cuidar dela (ARIES, 1981, p. XI)

Neste momento, junto à valorização e reconhecimento da educação, a infância passa a ser

Recebido em 10/05/2010
Aprovado para publicação em 12/06/2010

uma fase especial, em que predomina a inocência e a falta de experiência. A partir daí deve-se a todo custo ter paciência e cuidados com crianças. Devem-se ensiná-las a viver, já que nada sabem.

No entanto, outro era e é o tratamento para a puerícia em comunidades indígenas e rurais tradicionais. Tomamos o exemplo de dois povos: os Aché e os Arapesh.

Para os Aché, da tribo Guayaki, caçadores nômades do Paraguai, os bebês guardam uma relação semelhante com as que possuem os Arapesh. Os *kromis*² são mantidos durante os primeiros meses e até os três anos de vida sempre próximos à mãe, presos ao corpo materno por uma tipóia. As mulheres ao primeiro sinal de choro oferecem o seio ao filho. O choro é sinal de agouro. O aprendizado é tido além da convivência através de “aulas” noturnas. A partir dos sete anos, com o descer do sol, as avós contam aos pequenos sobre a história da tribo e dos primeiros Aches, falam dos porquês e das tradições e dos rituais importantes a serem respeitados e repetidos. Esse contar é repetido inúmeras vezes, até que as crianças sejam capazes de recontar. Os ensinamentos sobre a caça e a floresta são delegados aos pais (homens) e se estendem até os *kromis* se tornarem adultos. A infância para a menina dura até a primeira menstruação, quando muitas vezes ela já está casada e já manteve relações sexuais com vários parceiros. Para o menino ele se mantém até o *imbi mubu*, perfuração do lábio. Ritual, requisitado pelo menino quando se entende moço, no qual deixa de ser criança e passa a ser reconhecido como jovem, tendo então, permissão para acasalar. Para esse grupo a infância termina por volta dos 12, 13 anos e é vivida entre jogos e ensinamentos, com momentos e atenções destinados especificamente para eles. O tempo em que os *kromis* (meninos) saem com o pai para aprender na floresta, o tempo em que acompanham (meninas) a mãe pelas trilhas do colher, do plantar, do cozinhar e do tecer. (CLASTRES, 1995)

A educação é vista aqui não como ritual de idas e vindas em escolas numa organização “regular”, mas, numa forma de aprendizagem e re-existência de um modo de vida. Da passagem de saberes dos pais, avós e mais velhos para as crianças, que aprendem e são educadas para esse viver. É a educação em que a criança aprende meios de trabalhar, relacionar, reproduzir e manter seu povo vivo ao manter viva as tradições e crenças dos seus antepassados. É o aprender com o viver para o viver.

Os Arapesh, tribo da Nova Guiné, educam seus filhos somente com a convivência e vivência. Desde o nascimento o bebê é mantido sempre próximo à mãe ou ao pai. Por causa da amamentação, nos primeiros meses o bebê fica preso à mãe por uma tipóia. A mãe não o afasta por nada. Todos os afazeres: o colher lenha e frutos, cozinhar, plantar, buscar água; são efetuados com a criança a tiracolo. Assim, os pais transmitem segurança ao filho. Com o caminhar, a mãe passa a se afastar por poucos intervalos de tempo. Nestes intervalos, a criança, convivendo com os demais *kromis*, aprende brincadeiras e distrações diferentes das que está acostumado com a mãe (pegar nos órgãos, morder os lábios, brincar com os pés). Com o aprendizado de uma brincadeira ou outra, de um comportamento ou outro, vem o conselho, uma orientação de um adulto que ensina a criança no caminho natural (para os Arapesh) do amadurecer. “A finalidade de todo o treinamento das crianças menores é (...) cuidar que sua manifestação não prejudique outra pessoa” e que elas cresçam saudavelmente, para isso, é importante seguir a tradição. (MEAD, 2000:71). Dessa forma, elas aprendem, sempre assistidas com cuidado, que um adulto não deve brincar com os genitais; não deve ter atitudes infantis. Aprendem os trabalhos da vida com a observação e prática e desenvolvem suas habilidades de acordo com o modo de vida Arapesh.

À medida que vai crescendo, a criança não mais é tão estreitamente limitada aos cuidados dos seus próprios pais. Crianças são emprestadas. Uma tia, ao voltar de uma visita, traz consigo o pequeno de quatro anos para uma estada de uma semana, passando-o a outro parente para eventual devolução aos pais. Isto significa que a criança aprende a conceber o mundo como cheio de pais (...). alarga seu ciclo de confiança, no entanto, sem supergeneralizar sua afeição. (MEAD, 2000: 69)

Assim, as meninas não estranharão quando completados os sete ou oito anos, forem viver com a família do futuro marido. Lá desempenharão as atividades que já aprenderam com a mãe,

² Criança na língua Guayaki

demonstrando ser uma boa esposa. Conviverá com o seu futuro esposo. “O Arapesh vê no matrimônio, primordialmente, uma oportunidade de aumentar o cálido círculo familiar, dentro do qual seus descendentes podem viver com maior segurança do que eles próprios viveram” (MEAD, 2000: 99). O casamento, assim, oficializa laços de proximidade e convivência permitindo a perpetuação do viver Arapesh, por meio do alargamento das relações sociais e familiares, além de simbolizar também que muito cedo a criança já assume as responsabilidades do ser adulto.

Já então, no próprio espaço infantil há a reprodução e reafirmação das relações de compartilhamento e proximidade tão importante para o ser humano. Relações que são preocupantemente procuradas pelos casamentos Arapesh e socialmente confirmadas pelas relações de compadrio presentes em comunidades tradicionais.

Com isso, foi apenas recentemente que se difundiu a importância social da criança. Apenas recentemente difundiu-se que é por meio dela que os saberes e o modo de vida são perpetuados. E foi só a partir de tal conscientização que estudos foram tomados para que se compreenda essa transferência de saber e mais ainda, como a criança é socializada. Como e quando ela se insere na comunidade e na sociedade e como ela é “acolhida” pela mesma?

É nesse momento de reconhecimento da infância que se percebe que é a criança que perpetua o modo de vida. Que é ela ao aprender e ao reproduzir o aprendido que torna re-existente em sua geração aquele saber, aquele fazer, aquele modo de vida. Nisso, ela se torna o futuro. O futuro da comunidade, que só existe e depende dela, no agir dela. O futuro da sociedade. Por e para isso, locais “apropriados” para o ensino da vida à criança são construídos e elaborados.

E como então, funciona o ensinar e o aprender dessas crianças? Como elas internalizam os valores, as crenças dos pais e da comunidade? O processo acontece independente de sua consciência inicial, e mesmo a de seus pais.

O aprendizado, a internalização de conceitos e normas de conduta se dá pelas experiências vivenciadas pela criança desde o nascimento. As sensações de fome e sede, por exemplo, dependem diretamente de outros para serem aliviadas. Ela só se alimenta quando e como os pais quiserem. Alimentação seguida de acordo com as orientações sociais ditas como mais adequadas. À medida que esse quando e como se repete o organismo e as funções fisiológicas dela vão se acostumando. Vão se moldando e condicionando aos horários e maneiras aceitos pela comunidade.

O exemplo mais ilustrativo é o horário das refeições. Se a criança é alimentada somente em horas determinadas, seu organismo é forçado a adaptar-se a esse padrão. E ao realizar o processo de adaptação, suas funções sofrem uma modificação. O que acontece é que a criança não apenas é alimentada em horas determinadas, mas, também sente fome nessas horas. (BERGER e BERGER, 1999, p. 201).

O mesmo acontece com as normas de comportamento diante de sentimentos e reações orgânicas do corpo. Como agir quando se enamora por alguém? Por que mentir ou omitir a verdade, ou mesmo porque dizer a verdade? Comportamentos ‘respeitosos’ e aceitos pelas regras sociais devem ser acatados e internalizados, assim como as funções fisiológicas devem ser programadas.

Imagine que por um motivo desconhecido um rapaz perca a memória e junto com ela todas as suas referências sociais. Imagine que ele não saiba discernir o que é certo do que é errado ou o grosseiro do educado. Ele não sabe o que fazer, porque não tem referência de como se portar diante e com as pessoas. Provavelmente ele observará ao seu redor em busca de um padrão. Inconscientemente ele tenderá a reproduzir, a repetir o comportamento dos que o rodeiam diante de situações similares. E isso, sem discernir certo de errado. Repetirá, porque aquela seria sua única referência e, portanto, a única possível. Se por algum motivo, aquele não for o comportamento padrão, ele o alterará para o adequado no momento em que conhecer o comportamento aceito. E o fará para ser aceito pelos outros. Rejeitará o comportamento inadequado no momento que for rejeitado pelos outros por causa da conduta.

A dependência do ser humano pelo outro se inicia com o nascimento e se estende por toda a vida. A criança internaliza os conceitos, os valores e as normas com a experiência, com a repetição do comportamento que vê no outro. E, dessa forma, a “sociedade não apenas impõe

seus padrões ao comportamento da criança, mas estende a mão para dentro de seu organismo (...)” (BERGER e BERGER, 1999, p. 201). À medida que o grupo permite e incentiva esse fenômeno acontece a socialização da criança. Ela é preparada com sua vivência para se tornar membro da comunidade. E claro, essa socialização se dará de acordo com os padrões sociais da comunidade ou mais ainda da sociedade em que a criança está inserida.

Os padrões sociais, ou seja, as normas, regras, crenças, valores são impostos incondicionalmente à conduta individual do futuro adulto. É o poder deste adulto atrelado a ignorância, ao não conhecimento infantil de outras realidades que viabiliza a padronização da conduta individual.

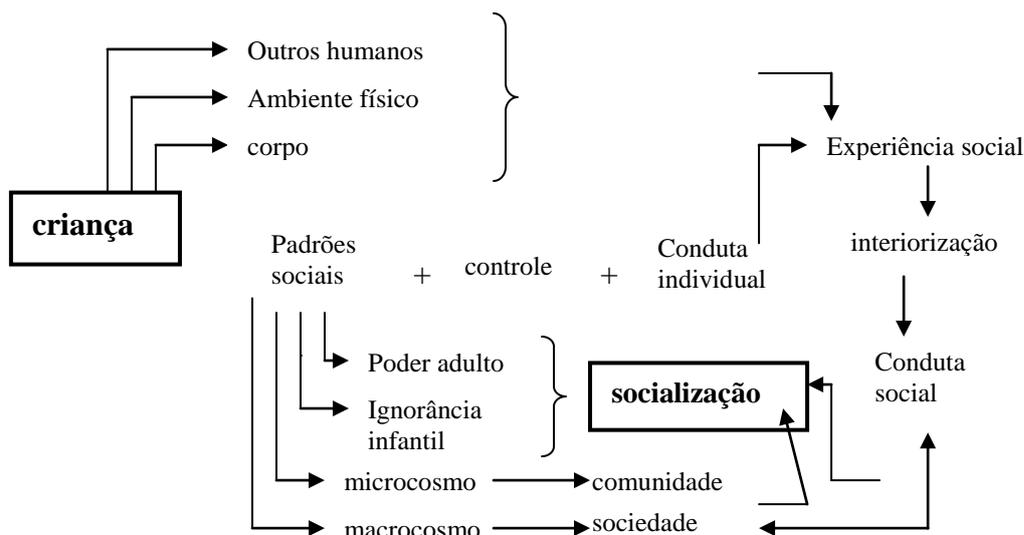


FIGURA 1: Organograma: socialização da criança, Oorg. Alessandra Leal (2009)

O fluxograma acima mostra como funciona a estrutura social que viabiliza e concretiza a socialização da criança e mesmo do adulto. Já que o processo é contínuo por toda a vida do indivíduo. A criança por meio do seu corpo, do ambiente físico e de outros humanos estabelece relações sociais. Essas, por sua vez, permitem a reprodução no aqui e agora pelas próprias experiências dos padrões sociais.

Estes padrões atrelam o poder adulto e a ignorância infantil para gerar controle sobre a conduta individual. Isso permite a reprodução de experiências sociais, que interiorizam a conduta social da sociedade e então socializa a criança ou o indivíduo.

Os padrões sociais se perpetuam no micro e no macrocosmo, na comunidade, na família ou na sociedade, na cidade, no país; que por sua vez ditam as regras das condutas sociais e, por conseguinte da socialização.

A socialização passa a ser considerada um processo de iniciação por meio do qual a criança pode desenvolver-se e expandir-se a fim de ingressar num mundo que esta ao seu alcance. (...) Ela é um processo ou iniciação num mundo social em suas formas de interação e nos seus numerosos significados. (BERGER e BERGER, 1999, p. 205).

Pensar em socialização nos faz refletir em quais instrumentos são utilizados, ou melhor, quais meios realizam a conexão entre os padrões sociais e a criança. Em como se dá a internalização dessas condutas sociais. E nesse ponto, devemos lembrar do verbo, da linguagem. Seja ela qual for, é por meio dela que nos comunicamos. É a partir da comunicação que se estabelecem as relações sociais. E por meio da linguagem também que a criança aprende e decodifica os significados sociais. O mundo externo e social repleto de valores e conceitos aos poucos adentra no inconsciente da criança criando um mundo interno também repleto de símbolos e crenças.

Com essa interação ela concretiza a identificação com os outros de seu grupo e com a própria comunidade. Ela demonstra esse reconhecimento em suas brincadeiras e comportamentos, ao imitar os pais e irmãos. Ao carpir o chão com a velha enxada. Ao varrer a terra com o cabo da vassoura. Ao ninar a boneca e ensaiar cozimentos e interpretar papéis. Ela brinca de desempenhar o papel do outro, ensaiando o seu próprio futuro papel. Com isso, ela não só exterioriza os símbolos internalizados, mas, aprende que pode desempenhar qualquer papel proposto pela sociedade.

Com o tempo e ao desenvolver-se a criança vai percebendo que existem outros símbolos e significados que não só aqueles aprendidos com os pais. Aprende que existem outras verdades que nem desdizem a dos seus pais, nem a excluem, mas existem e coabitam acrescentando crenças e possibilidades. “Nessa altura a criança passa a relacionar-se não apenas com determinados outros significados, mas com um outro generalizado” (BERGER e BERGER, 1999, p. 208). Ela percebe que o microcosmo, que seu núcleo familiar se expande ao macrocosmo, à sociedade. Uma comunidade que se expande a uma sociedade. O seu mundo de significados ultrapassa as fronteiras do núcleo familiar e mesmo da comunidade que está inserida. Alça vôo para o macrocosmo, estabelecendo uma conexão entre o micro e o macro, para perceber o globo enquanto mundo.

A socialização liga o microcosmo ao macrocosmo. De início, habilita o indivíduo a ligar-se a determinados outros indivíduos; após isso torna-o capaz de estabelecer contato com um universo social inteiro. (BERGER e BERGER, 1999, p. 214).

Ao ampliar horizontes e visualizar o macrocosmo a então criança, e agora indivíduo, vai perceber que assim como o seu microcosmo, existem vários outros com suas peculiaridades e especificidades. Vai perceber que o processo de internalização de conceitos, condutas valores e símbolos é contínuo e se estende por toda a vida. Sempre que se depara com um novo grupo social com regras e valores diferentes terá que se adaptar, se socializar de acordo com as verdades simbólicas daquele grupo. Trata-se da socialização secundária, processo em que o indivíduo é constantemente levado a se submeter consciente ou inconscientemente. Provavelmente a sua chegada provocará também alterações nas regras de conduta, então estabelecidas. Pois, ao mesmo tempo em que o indivíduo se socializa com o novo, que internaliza conceitos, significados e valores, ele também transmite ao socializante os conceitos, valores e significados que carrega consigo. Essa troca, muitas vezes, enriquece e fortalece as relações entre os grupos, em que um ensina e cede, permitindo associações e cooperações.

Aqui questionamos: o que determina as informações, condutas, valores e modos de vida a serem transmitidos no ciclo de vida e como essas informações se adequam às inovações da modernidade? Já dissemos que é por meio das relações sociais que as crianças são socializadas e incluídas no ciclo da vida do grupo. E essas relações são primeiro estabelecidas nos grupos primários. “Eles são primários em muitos sentidos, mas principalmente no de serem eles fundamentais na formação da natureza social e dos ideais sociais do indivíduo.” (COOLEY, 1949. p. 190), no seio da família e dos grupos de parentesco, estendendo-se aos grupos de idade com o tempo.

É principalmente a partir dos grupos primários que os sentimentos de comunidade se estabelecem. A comunidade nada mais é do que o alargamento de elementos e características despertados primeiro no grupo primário, depois nos grupos de idade, se estendendo cada vez mais às diversidades dos grupos sociais.

As crianças em diferentes contextos sociais, desde cedo ensaiam nas brincadeiras criativas os afazeres adultos. É o cuidar imaginário de bonecas, o cozinhar e o lavar pelas meninas; é o aprender a caçar sapos e peixes à beira dos rios e mares dos meninos. São jogos que denunciam o viver adulto no viver infantil. Mas, ainda assim, um brincar, que permite que a criança vá à beira do rio. Não no rio conhecido, mas num outro rio que só ele e os companheiros de caçada podem ver, num entre rio, ou numa “terceira margem³”. Jogos e

³ Alusão semântica à expressão ‘terceira margem’, criada por João Guimarães Rosa no conto “A Terceira Margem do Rio”, para referir-se à lugar indefinido, lugar particular do vivido. Obra do autor: ROSA, João Guimarães. **Primeiras estórias**. 14ª edição, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1985.

brincadeiras que permitem que a criança crie e cuide de sua casa. Não aquela vista e vivida embaixo de uma árvore, mas aquela num “lá” que está “ali” e no criar, o mundo real da vida.

Estes espaços, pouco vistos anteriormente, passam a ser delineados com a chegada da escola e a valorização da infância. Aí então, vêem-se os lugares adultos, os infantis e o entrecruzar em alguns momentos desses lugares, sem, contudo, serem confundidos.

(...) tanto no trabalho quanto fora de seus momentos as pessoas, via de regra, convivem entre si também por separações de idades e sexo. Livres nos primeiros anos de idade da rotina do trabalho, meninos e meninas de quatro a sete anos brincam, comem e dormem entre eles. Mais adiante pouco a pouco submetidos às obrigações das diferentes ajudas aos adultos, mesmo em instantes de trabalho estarão juntos, próximos aos pais e a irmãos mais velhos. (BRANDÃO, 1995: 136).

Os grupos de idade são grupos sociais de pessoas com a mesma faixa etária que convivem e compartilham experiências. São grupos que entre idades, famílias, compadrios e convivências formam uma comunidade.

Pense em um povoado que se caracteriza pelos fortes laços de parentesco entre os moradores. Ali existem aproximadamente setenta casas com aproximadamente duzentas pessoas. Todos, com exceção apenas dos chegantes⁴, descendentes de um único tronco familiar. Cinco pessoas, entre marido, esposa e irmãos, que ali fixaram pouso, residiram, tiveram filhos e iniciaram o povoado. Os casamentos se dão na maioria das vezes entre primos. Na comunidade, todos conhecem todos. Todos parenteiam todos. O que faz com que as relações de trabalho e reciprocidade se fortaleçam. Os mutirões coletivos, assim como as plantações coletivas se dispersaram no tempo. Entretanto, ainda são fortes as trocas de favores e auxílio mútuo. É comum o revezamento do roçado. Compadres trabalham juntos na roça de um num dia e juntos na roça do outro no outro. Os favores se estendem às trocas de auxílios. Um doa uma porção de biscoitos num momento. O outro um tanto de açúcar noutro. Um cuida dos filhos numa saída do compadre, o outro resolve pendências na cidade. Ressalta-se que as trocas não são simultâneas, mas, passam pela dinâmica temporal. Um favor ou doação prestado aqui será retribuído dias, semanas e até meses depois. As trocas não são imediatas, mas, acompanham as necessidades reais que surgem nas práticas do viver.

Ainda persistem no povoado imaginado, apesar de já enfraquecido, lugares e territórios coletivos. Visualize porções de terra emergidas no meio do Rio São Francisco, ilhas, terrenos que não possuem donos efetivos. ‘Ela está lá, tem que ser roçada, se não desperdiça’. Se por algum motivo, um roceiro não pode semear a terra, outro que queria e precise pode ali trabalhar. A terra fica em sua posse até que por algum motivo não plante em um dado momento. Esse ciclo permite que os terrenos estejam sempre produzindo. Já que são as terras férteis e importantes para a comunidade. É o território da produção.

Pense também em rituais comunitários. Imagine uma farinhada, uma produção coletiva de farinha. Ali, construído um galpão em que mulheres e homens se reúnem para fabricação da farinha. O trabalho é basicamente artesanal. Um lava, outro descasca, um lava e um outro rala. Serviços e funções que variam de acordo com o sexo e idade. Ao término do trabalho a farinha é dividida entre os participantes do ritual.

Observe que o trabalho em todos os sentidos, desde a pesca, o roçado e a caça, mesmo que esporádica, versam e giram inicialmente entre o grupo familiar. O auxílio e as trocas de compadrio se estabelecem quando o primeiro, o núcleo, depois o grupo familiar não são suficientes. A lógica das permutas e mesmo do escambo seguem em primeira instância a proximidade dos laços de parentesco.

Essa lógica de reciprocidade, uso e produção comum ainda resistente no povoado enraíza a comunidade imaginada, enquanto comum-idade, expropriando características típicas de sociedades modernas, como o estabelecimento de mercearias e padarias. Houve uma tentativa de um dos moradores de abrir uma mercearia/padaria para revenda de produtos vindos da cidade, tais como: arroz, macarrão, biscoitos industrializados (além dos caseiros feitos pela

⁴ daqueles que para li foram recentemente. (termo sugerido pelo Antropólogo João Batista de Almeida Costa)

esposa), refrigerantes, enlatados e itens de limpeza doméstica e pessoal. No nosso povoado imaginado o comércio não durou muito e faliu. Era comum que os compadres 'comprassem' fiado para pagamento num posterior "quando tiver eu pago". Comportamento que inviabilizou a reposição dos produtos na loja, provocando conseqüentemente o fechamento da mercearia. Nesse caso, vemos que a dinâmica camponesa persistiu e resistiu à lógica do sistema moderno.

É verdade que a nossa comunidade, assim como tantas existentes pelo país, não está fechada à modernidade e a chegada de novos símbolos e práticas. O sistema monetário já vigora em algumas trocas. Já existem três bares, num local que possui apenas setenta e quatro casas, e em que é proibida a venda fiada. Outra brecha é que em algumas situações a permuta de trabalho no roçado é substituída pelo pagamento de diárias de trabalho. Entretanto, vemos que ainda há a resistência da dinâmica do modo de vida tradicional, já que, só é comercializado monetariamente produtos indispensáveis àquele gênero de vida. As bebidas dos bares disponíveis são em si produtos novos ao modo de vida camponês. Deles as pessoas não dependem para a vida, mas, o utilizam por estarem incluídas numa cultura global e dela desejarem fazer parte.

Eles resistem e reafirmam seu modo de vida, num re-existir de características e comportamentos que sem deixar de ser, se adequam e englobam elementos da modernidade. Pois é ao incorporar o moderno que se incluem e são aceitos pela dinâmica urbana da lógica global.

É verdade que esta abertura permite que aos poucos características típicas das grandes cidades, como o individualismo e o afrouxamento das reuniões, rituais religiosos e confraternizações comunitárias.

Um exemplo pode ser a dança de São Gonçalo⁵, que outrora fora freqüente e constante e que hoje é pouco é dançada no povoado. E seu acontecimento é mais um gesto consciente para manter a tradição do que a ritualização e materialização da crença e da fé. Em dois anos, houve apenas uma dança e mesmo assim tardia. A promessa foi paga anos depois do pedido.

As reuniões ao redor da fogueira para a prosa e o diálogo em dia já não acontece todos os dias. A televisão, os telejornais e as novelas são comentados freqüentemente. A convivência entre os moradores e compadres é menor que outrora, e acontece costumeiramente à frente ou da TV ou em um dos bares do lugar.

No povoado já há vereador eleito na câmara municipal da cidade a que a comunidade se vincula, que apesar do cargo público ser para a prestação de serviço comum ao povo, se aproveita das "facilidades" do cargo para abarganhar vantagem para uso próprio. Negocia e vende lotes na comunidade sem consulta comunitária. Age como se sua vontade sobrepusesse à vontade coletiva da comunidade. Ali, moradores e compadres reclamam, reivindicam, mas já repetem um discurso urbano do "político é tudo igual". Discurso que fere a noção de comunidade, de compadrio e da ética do agir típicos do lugar.

Vê-se que esse traço individualista, percebido em um morador agora, possibilitará que o comportamento se reproduza nas crianças. Já que é pela convivência que a socialização acontece. E é com a socialização que a conduta moral e individual se constrói e efetiva, fazendo fluir o ciclo da vida, em que um ensina o outro e o outro ensina o um.

A conduta individual hoje poderá refletir numa conduta coletiva amanhã e com isso o modo de vida tradicional se flexibiliza. No amanhã provavelmente haverão outros elementos que serão incorporados lentamente no viver camponês. Vemos assim, que o modo de vida rural tradicional resiste às transformações aceleradas da cidade, sem, entretanto, rejeitá-lo completamente.

⁵ A dança de São Gonçalo é um pagamento de promessa feito à São Gonçalo para agradecer o alcance de uma graça. Geralmente não há dia festivo fixo, mas, acontece de acordo com a organização do promesseiro que deve convidar o Grupo de dançarinos. Os dançarinos se arrumam em duas filas, uma ao lado da outra direcionadas para o altar. E seguem o cantório dos músicos, que ou estão à frente das filas ou ao lado do altar, em movimentos circulares.

O modo de vida é então, “o ajustamento da cultura local à civilização das cidades (...). O grupo camponês é uma forma de sociedade onde nem a *Gesellschaft*, nem a *Gemeinschaft* têm predominância uma à custa da outra, ambas estão equilibradas.” (REDFIELD, 1945, p. 570).

Dessa forma, observando as características do nosso povoado imaginado, podemos entender que uma comunidade se consolida pelas características:

- Relações de parentesco estendida ao compadrio;
- Relações de trabalho;
- Relações baseadas na troca de reciprocidade;
- Relações semióticas com a natureza;
- Produção de trabalho a partir do grupo familiar;
- Produção sustentável;
- *Ethos*, ética endêmicos;
- Sociedade parcial, com sentimento de pertencimento a uma sociedade global;
- Persistência de ritos e crenças tradicionais;
- Resistência à mudança acelerada.

Características essas atreladas à valorização e educação da criança por meio da convivência e da orientação, presentes em de pais e compadrios, das regras, valores, crenças e normas de conduta típicas de seus antepassados. A base da organização é firmada no ontem, ao passo que das sociedades modernas se estrutura no hoje para o futuro.

Assim, a comunidade camponesa ou rural sempre será tradicional na medida, em que resistir às transformações aceleradas da cidade. Na medida em que se adequar aos elementos urbanos mantendo características, fazeres e agires de gerações anteriores. A comunidade rural tradicional, como é o caso do nosso povoado imaginado, estará sempre um ou dois passos ‘atrás’ da cidade no que diz respeito às novidades tanto tecnológicas, quanto morais e de conduta. Ela segue um tempo lento e compassado unicamente com sua lógica. Lógica que, por sua vez, segue a dinâmica da natureza.

São tempos de águas cheias, secas, ventos e frios. A comunidade se transforma sim, mas, respeitando e resguardando valores ligados a terra, às águas, às árvores e ao próprio tempo do tempo. São esses laços e valores que permitem a re-produção e tradição da comunidade, enquanto comum-idade e do modo de vida. Mesmo que este lentamente modernizado e adequado.

REFERÊNCIAS

- ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. Rio de Janeiro: Editora LTC, 1981.
- BERGER, Peter L. e BERGER, Brigitte. **O que é instituição social?** In: MARTINS, José de Souza. *Sociologia e Sociedade: leituras de introdução à sociologia*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1977. p.193-199.
- _____. **Socialização**: como ser um membro da sociedade. In: MARTINS, José de Souza. *Sociologia e Sociedade: leituras de introdução à sociologia*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1977. p. 193-214.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A partilha da vida**. GEIC-Editora Cabral, Taubaté, 1995.
- CLASTRES, Pierre. **Crônica dos índios Guayaki**: o que sabem os Aché, caçadores nômades do Paraguai. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.
- COLLEY, Charles H. Grupos Primários. In: PIERSON, Donald. *Estudos de Organização Social*. São Paulo: Martins, 1946. Vol. II p. 190-196.
- MEAD, Margaret. **Sexo e Temperamento**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2000.
- REDFIELD, Robert. **A Sociedade de Folk e a cultura**. In: PIERSON, Donald. *Estudos de Organização Social*. São Paulo: Martins, 1946. Vol. II. p. 566-578.
- ROSA, João Guimarães. **Primeiras estórias**. 14ª edição, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1985.